

Editorial

Artes, Comunidade e Cidadania: um encontro dialógico entre formação e intervenção, património e a democracia

ANTÓNIO ÂNGELO VASCONCELOS

antonio.vasconcelos@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Este número da revista Medi@ções é dedicado à temática relacionada com as Artes e Comunidade e os diferentes modos como se constroem diálogos com o presente e com o passado, com a formação e os artistas, com as memórias e a sua preservação, com a construção e reconstrução de identidades. Procura-se um olhar aberto e crítico acerca das diferentes possibilidades existentes na relação dialógica entre as artes, as comunidades e a cidadania, entre a formação e a intervenção, entre as memórias e a democracia, problematizando

algumas das dimensões desta relação. Dimensões que poderão dar um contributo no fortalecimento de uma democracia mais culta e participada.

Com efeito, a relação entre as artes e as comunidades tem-se inscrito na sociedade portuguesa contemporânea através de diferentes modalidades, pressupostos e modos de fazer e em que se podem detectar duas tendências fundamentais. Por um lado, uma tendência em que o desenvolvimento de práticas artísticas e criativas diferenciadas, atra-

vés do envolvimento das pessoas e de processos participativos e negociados, se constroem e desenvolvem determinados projetos artísticos com múltiplas finalidades. Finalidades que percorrem universos e questões de natureza mais inclusiva, em que se recorre às práticas artísticas com determinados objetivos educativos, sociais, culturais entre outros, e/ou de natureza mais artística, em que os objetivos se centram no desenvolvimento de determinado projeto sem que os objetivos se centrem numa determinada área de intervenção educativa, social ou cultural. Por outro lado, uma outra tendência em que esta relação é perspectivada não só como fator de desenvolvimento comunitário mas também como possibilitadora de regeneração dos espaços urbanos, territórios e sentidos de pertença.

Os modos como todas estas finalidades se operacionalizam implicam a necessidade de se encontrarem formas diferenciadas de participação e de aprendizagem permitindo que as pessoas (crianças, jovens e adultos) se envolvam nos processos e práticas criativas e artísticas de acordo com as suas expectativas, interesses, motivações valorizando os saberes informais possibilitando abordagens que estejam para além das hierarquias verticalizadas e da centração apenas nos produtos finais. Envolvimento que cruza as dimensões relacionadas com a

participação activa na criação ou recriação artística, na participação como público, na presença de artistas e de organizações artísticas nos processos.

Ora, nesta diversidade das relações entre as artes e as comunidades, se, por um lado esta relação tem sido um fator de algum questionamento e de renovação da problemática da criação, por outro, permite que comunidades heterógenas encontrem nos espaços de criação e de recriação artística, nos espaços públicos de fruição artística e na dignificação desses espaços modos de construção e de reconstrução de identidades e sentidos de pertença críticos e plurais, modos de preservação de memórias e de participação coletiva. Como refere Hugo Cruz, "na arte e comunidade crianças de seis anos cruzam-se com pessoas de 80, pessoas com algum tipo de deficiência com pessoas sem qualquer limitação, pessoas de bairros sociais com a baixa envelhecida, o assistente social com o músico ou o ator. Até se cruzam instituições que às vezes fazem trabalho antagónico".

Neste contexto, este número da revista *Mediações* é composto por seis tipos de artigos, que abordam temáticas diferenciadas, do papel dos artistas na reconfiguração da educação, da educação artística e da sua relação com as artes e a comunidade, da importância do co-

nhecimento, das práticas artísticas, do tratamento e da partilha da memória, do património. A revista termina com a recensão de um livro intitulado “Arte e Comunidade”.

Assim, o primeiro artigo, “Práticas pedagógicas e práticas artísticas na construção da escola como espaço e tempo da democracia”, escrito por Ana Luísa Oliveira Pires, Elisabete Xavier Gomes, Teresa Nico Rego Gonçalves, apresenta “algumas das principais conclusões de um trabalho de investigação desenvolvido por uma equipa de investigadoras [...] sobre o *Projecto 10x10* - Dez artistas para Dez Professores”. O *Projecto 10x10* é “um projeto de formação contínua de professores do ensino secundário que tem vindo a ser desenvolvido nos últimos quatro anos através do Programa Descobrir, da Fundação Calouste Gulbenkian”. No texto são evidenciadas as “possibilidades trazidas pelas parcerias construídas entre professores de diferentes disciplinas e artistas de diversas áreas” em que se destaca (a) “a interrupção do automatismo e da burocratização que têm invadido o trabalho docente”; (b) “a abertura e disponibilização dos contextos, linguagens e práticas artísticas aos alunos e professores do ensino secundário” e (c) “a experimentação de processos pedagógicos (re)inventados pelo diálogo *entre* artistas, professores e alunos, por

se configurarem como marcas de uma democratização da vida e do trabalho da educação”.

O segundo, intitulado “Artes Visuais e Comunidade: práticas artísticas com estudantes do ensino superior” e da autoria de Teresa Pereira e Kátia Couto Sá, “analisa os processos de trabalho desenvolvidos na licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias da Escola Superior de Educação de Lisboa [...] na Unidade Curricular de Artes Visuais e Comunidade desde a sua criação [...] até à mudança de designação para Educação para a Cidadania Global e Artes Visuais [...]”, em que foram implementados, no quadro das artes visuais, diferentes projetos com modalidades de trabalho com e para a comunidade e que “envolveu estudantes, professores e diferentes comunidades de modo a perspetivar outras formas de pensar o ensino das artes visuais a partir de uma dimensão coletiva, onde se cruzam aspetos de natureza estética, artística, cultural e ética”.

O terceiro artigo, “As abordagens participativas do teatro e comunidade na formação em Teatro” e escrito por Isabel Bezelga, parte do pressuposto de que “as artes comunitárias têm dado um importante contributo na promoção de práticas participativas e inclusivas nas sociedades contemporâneas”. Os encontros académicos e diferentes

tipos de festivais, que têm mobilizando um número cada vez mais crescente de participantes, apontam para uma maior presença e interesse deste tipo de intervenção no panorama de produções artísticas e reflexivas. Neste artigo a autora discute “a pesquisa sobre/em processos laboratoriais participativos de criação que orientam as práticas dos projetos de teatro e comunidade na formação universitária em teatro”.

O quarto, “Centro de Memórias do Museu de Trabalho Michel Giacometti - Projeto ao ‘Encontro da Memória através do Património””, da autoria de Maria Miguel Cardoso, dá conta do trabalho “de recolha de memória oral que usa metodologias de terreno, histórias de vida e entrevistas temáticas, filmadas, com o objetivo [...] de criação de acervo oral contribuindo” de um modo positivo “para aumento e democratização do conhecimento sobre as realidades sociais contemporâneas de Setúbal”. Ligadas às colecções de museus municipais, neste caso o Museu do Trabalho Michel Giacometti e o Arquivo Américo Ribeiro, “a recolha e a comunicação das memórias recoloca o foco do património na relação entre o homem e o objeto, aproximando-se das comunidades, valorizando-se mutuamente”.

O quinto artigo, da autoria de Ângela Luzia e intitulado “Cartogra-

fias: experiências artísticas e construção do território” parte da asunção de que “o património como conceito operativo para a construção identitária e a Cidade como construção multidimensional e contexto interativo de aprendizagem, desafiam as políticas culturais, de desenho e regeneração urbana a desenvolverem processos inclusivos de mediação cultural, que propiciem a transformação e inovação, promovendo chaves de leitura do território e espaço público”. Por outro lado, o artigo discute “a relação da memória com práticas artísticas tem vindo a afirmar-se em experiências de educação patrimonial, resgate de memórias e políticas de arte-pública, como meios e processos possibilitadores de cidadania, na construção de uma cartografia feita das experiências pessoais e coletivas, de consciência dos lugares que se habitam, de saberes e de códigos partilhados”.

Por último, o artigo de Paulo Lameiro, dá uma nota pessoal sobre o Projeto “Ópera na Prisão”, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do programa PARTIS. Projeto que resulta de uma parceria estabelecida entre o Estabelecimento Prisional (EP) de Leiria – Jovens, a SAMP – Sociedade Artística e Musical dos Pousos, a Escola de Dança Clara Leão, a Câmara Municipal de Leiria e a Fundação Caixa Agrícola. O “Ópera na Prisão” partindo da música Mo-

zart orienta-se por duas ideias chave: o desenvolvimento das capacidades pessoais dos reclusos e o favorecimento dos processos de mudança imprescindíveis à reintegração social. Paulo Lameiro, diretor artístico da SAMP considerou que um dos aspetos mais significativos deste evento foram os “vínculos pessoais e as relações que se estabeleceram, que os levam a confiar nas pessoas e a se entregarem”. Diz Paulo Lameiro que a descoberta que os jovens fizeram da “música, teatro, dança, orquestra e toda a produção” relacionada com o espetáculo “foi uma descoberta para estes rapazes, não só porque eles ao longo de três anos cumpriram um conjunto de tarefas a que não estão habituados [...]. Produzir um espetáculo que chegou ao auditório da Gulbenkian, acompanhado pela própria orquestra, é um desafio que obriga a muito esforço e dedicação”.

Este número da Medi@ções termina com uma recessão, elaborada por Ana Maria Pessoa, do livro “Arte e Comunidade”, coordenado por Hugo Cruz e editado em 2015. Livro que é constituído por textos de 23 autores nacionais e internacionais - artistas, professores, técnicos sociais, psicólogos e investigadores - e que reflecte sobre práticas e projetos artísticos que envolvem diferentes tipos de comunidades e diferentes tipologias artísticas, como o teatro, a dança e a mú-

sica. Numa entrevista o coordenador do livro afirma que "esta é uma obra com olhares múltiplos que aceitaram cruzar-se", e que procura a responder a algumas questões como "que propósitos serve isto da arte e comunidade? quais são os objetivos? como é que se cruza a dimensão artística com a dimensão mais política?". É um livro que vem dar um contributo significativo à diminuta publicação neste domínio. Como afirma Hugo Cruz, “Arte e Comunidade” passa "a ser um livro incontornável para quem quiser estudar a área, um ponto de partida já que não existia em Portugal algo tão aprofundado sobre o tema".

.

.